

EUROPA,  
ATLÂNTICO  
E O MUNDO  
MOBILIDADES, CRISES,  
DINÂMICAS CULTURAIS

**PENSAR COM**

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

EUROPE, THE ATLANTIC AND THE WORLD  
MOBILITY, CRISES, CULTURAL DYNAMICS

THINKING WITH MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

**COORDENAÇÃO**

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
2017

## A ESTRATÉGIA DO SABER

*Adriano Moreira*

Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa

Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa

E-mail: amoreira@acad-ciencias.pt

### **Resumo**

De quando em vez um Cisne Negro, a imagem que Popper divulgou, e relacionamos com a descoberta da Austrália, não apenas desatualizou o saber como desencadeou imprevistas mudanças radicais e demolidoras do edifício da ciência e do saber fazer antes valorizados, causando ruturas no ordenamento, não apenas científico, também social, político, e ético, que atingem seriamente os próprios alicerces do edifício universitário. Na viragem para o novo Milénio verificou-se a intervenção de um desses Cisnes Negros, ainda mal identificado mas sobejamente conhecido pelos efeitos demolidores das estruturas e teorizações, já, de um modo mais tímido que rigoroso, denominado globalismo.

**Palavras-chave:** Estratégia; Saber; Cisne Negro; Globalização

## **Abstract**

From time to time a Black Swan, the image that Popper divulged, and one relates to the discovery of Australia, not only outdated the knowledge but unleashed unforeseen radical and destructive changes of the building of science and knowledge of how to do before valued, causing breaks in the order, not only scientific, but also social, political, and ethical, which seriously affect the very foundations of the university building. At the turn of the millennium there was the intervention of one of these Black Swans, still not well identified but much for the demolishing effects of structures and theorizations, already, in a more timid than rigorous way, called globalism.

**Keywords:** Strategy; Knowledge; Black Swan; Globalization

A narrativa da evolução dos modelos e funções das Universidades, sobretudo no mundo ocidental, foi globalmente repetitiva no essencial, não obstante a multiplicidade das origens, da tutela exterior por instituições políticas estaduais ou Igrejas institucionais.

Estas circunstâncias, muito evidentes nos países responsáveis pelo longo e frustrado processo da ocidentalização do mundo, como aconteceu com as soberanias da costa atlântica, ligaram o conceito desses centros do saber e do saber fazer aos objetivos estratégicos dos instituidores, mas a tarefa da busca do saber e do saber fazer não impediu que se fosse implantando, crescendo e generalizando, o princípio da liberdade de observação, das conclusões e das valorações, trave mestra da identidade universitária, frequentemente apoiada no sacrifício da autenticidade sustentada por uma longa teoria de mestres venerados.

A condicionante desta narrativa de séculos foi sendo enriquecida por uma série de conceitos organizadores do ambiente social e político, e do conhecimento da terra e do universo, que não feriram a essência comum do ocidentalismo, nem da percepção mutável da natureza, exercendo com regularidade, embora com exceções, raramente com fraturas,

a função das universidades, capazes de modificar as programações, os arrumos sempre provisórios dos ramos científicos, as fidelidades valorativas, usando a interdisciplina para dar lugar às exigências de novas investigações e conhecimentos, a transdisciplina para o surpreendente alargamento da realidade a investigar, e a projetar na reformulação do suposto conhecimento anterior.

De quando em vez um Cisne Negro, a imagem que Popper divulgou, e relacionamos com a descoberta da Austrália, não apenas desatualizou o saber como desencadeou imprevistas mudanças radicais e demolidoras do edifício da ciência e do saber fazer antes valorizados, causando ruturas no ordenamento, não apenas científico, também social, político, e ético, que atingem seriamente os próprios alicerces do edifício universitário.

Na viragem para o novo Milénio verificou-se a intervenção de um desses Cisnes Negros, ainda mal identificado mas sobejamente conhecido pelos efeitos demolidores das estruturas e teorizações, já, de um modo mais tímido que rigoroso, denominado globalismo.

O modelo universitário, com predomínio para a narrativa dos ocidentais, foi abalado em vários aspetos, a começar pela capacidade financeira. Responsável pelo avanço de uma ciência, que ganhou mais em satisfação do que em eficácia no domínio do saber fazer, que é a economia, enfrenta o Cisne Negro que chamamos crise global económica e financeira, a qual tem já efeitos visíveis, em mais de um aspeto e numa variedade de países, pondo em causa a sustentabilidade.

A hesitação entre submeter a universidade a um modelo de economia de mercado, a dúvida instalada sobre se o conceito secular de estudante não vai ser substituído pelo conceito de cliente, a incerteza sobre se a natureza da instituição está ligada e acompanha o sentido evolutivo da soberania dos Estados como, para estes, as responsabilidades que não impedem as iniciativas institucionais privadas que regulariza, faz nascer a dúvida sobre se as exigências do credo do mercado são as que o vão orientar e definir os riscos e as recompensas. A principal ou primeira rutura está possivelmente na falência da prospetiva que tanto animou as

esperanças semeadas pela interdisciplina no século passado. Em primeiro lugar a mudança estrutural da ordem mundial animada pela conceção da terra casa comum do homem.<sup>1</sup>

Mas, com efeitos colaterais, sem previsão nem respostas, o facto de o social ter desafiado o político, apoiando novos atores objetores do sistema internacional; poderes que temos de chamar privados para usar a língua de que dispomos mostraram-se donos do poder na desordem mundial, a diplomacia clássica foi por isso subvertida, o nuclear está disputado entre projetos de paz e utilizações terríveis e experimentados de guerra, os Estados abrem falência, os conflitos regionais em que se destacam o Irão e o Iraque agravam-se, os narco-Estados florescem, os regionalismos, como o da União Europeia em crise, procuram substituir aqueles agentes soberanos tradicionais. Será a subversão inevitável?<sup>2</sup>

Esta pergunta inclui o facto de as fronteiras da vida estarem no centro de debate bioético, a “*life industry*” procura monopolizar o património genético, apenas alguns países têm acesso aos resultados do progresso científico, os riscos ambientais não distinguem nem etnias nem latitudes, a paz mundial escapa ao controlo da ONU, a cooperação Norte-Sul não avançou, os Objetivos do Milénio não podem contar com financiamento, as migrações estão descontroladas, o Estado deixa de ser o piloto da economia, a distinção entre pobres e ricos acentua-se criando um risco igual ao da ameaça atómica, a mundialização da criminalidade acompanha a modernidade, na pregação de Paul Guetny, ao atingir o facto

---

<sup>1</sup> Sobre a crise da população mundial. CHASTELAND, Jean-Claude; CHESNAIS, Jean-Claude (Dir.) – *La population du monde, enjeux et problèmes*. Paris: INEDI/PUF, 1997. A questão do direito à vida, valor fundador da sociedade democrática, está em discussão. De SCHUTTER, Oliver de – «L'aide au suicide devant la Cour européenne des droits de l'Homme». In *Revue trimestrielle des droits de l'homme*. N.º 53, 2003, p. 71. SAINTE ROSE, Jerry – «L'enfant à naître: un objet destructible sans destinée humaine?». In ICPG, N.º 52, 2004.

<sup>2</sup> A tese do choque das civilizações de Samuel Huntington corresponde à desordem do fim do Império Euromundista, depois da guerra de 1939-1945. HASSNER, Pierre – *Le Nouvel état du monde :80 idées forces pour entrer dans le 21 Siècle*. Paris : La Découverte, 1999, contestatário da tese. HUNTINGTON, Samuel P. – *Le choc des civilisations*. Paris: Odile Jacob, 1997.

religioso, embora as estatísticas mostrem que a decadência da pertença a religiões institucionalizadas ainda vê crescer o apelo à transcendência, sendo todavia claro que a crise dos valores parece reabilitar a esperança de Compe, frustrada até ao fim do anterior milénio.<sup>3</sup>

Em suma, a crise social que atinge tanto os ocidentais que perderam os impérios, como as sociedades libertadas mas em busca inquieta de orientação, de que a chamada primavera árabe é um dos pesadelos em curso, faz com que o globalismo seja sinónimo de anarquia internacional, um resultado que Hannah Arent, no conturbado tempo da sua prestante vida, atribuía aos regimes totalitários.

As estruturas políticas, atingidas pelo turbilhão de mudança, reagiram em tempo lento e sem estratégia, ao mesmo tempo que o chamado tempo internacional se perdia em intervenções como a do Afeganistão (1979-1989), perdia os princípios para vencer Kadhafi, hesitava em enfrentar Assad ou Ali Abdallah Saleh, e deixaram substituir os órgãos institucionais, como o Conselho Económico e Social da ONU, por centros de poder de facto como o G-20, ou ignorados como se passa na área financeira e económica mundial.

A quarta dimensão da Universidade – depois de investigar, ensinar, e gerir o saber e o saber fazer, é reconstruir o mundo novo, porque o Cisne Negro da viragem do milénio anarquizou o velho e exige a identificação, salvaguarda, fortalecimento, e estratégia inovadora das instituições que guardam o poder do verbo, que faremos sobreviver para organizar o caos. São estas instituições, em primeiro lugar ideias de obra ou de empresa que ligam as gerações pela tradição e cimentam o futuro pela

---

<sup>3</sup> LEPAGE, Corinne – *La vérité sur le nucléaire*. Paris: Albin Michel, 2011. BARTHE, Yannick – *Le pouvoir d'indécision. La mise en politique des déchets nucléaires*. Paris: Economise, 2006. CAMDESSUS, M.; LAMFALUSSY, Alexandre; PADOA-SCHIOPPA, Tommaso – *La réforme du système monétaire international: une approche coopérative pour le vingt et unième siècle*. Paris: Initiatives du Palais Royal, 2001. COLLIER, Paul – *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can Be Done About It*. Oxford: Oxford University Press, 2007. ZAKARIA, Fareed – *L'avenir de la liberté : La démocratie illibérale aux Etats-Unis et dans le Monde*. Paris: Odile Jacob, 2003.

investigação, pelo saber, pelo saber fazer, e pela sabedoria, isto é, a reestruturação de uma escala de valores, que assumem a quarta dimensão.<sup>4</sup>

Esta última exigência não foi incluída no conceito da União Europeia de sociedade da informação e do saber a construir (Delors).

Daqui resultou que, com expressão na Declaração de Bolonha, rapidamente apelidada de tratado, a rede de ensino evoluciona para a submissão à economia de mercado, para o conceito de sustentação de cada instituição pelas chamadas receitas próprias, para o desenvolvimento sem precedentes das redes privadas, para a substituição do conceito de estudantes pelo conceito de clientes, e finalmente para o descontrolo da relação entre necessidades do mercado do trabalho e formações oferecidas.

Avaliada a conjuntura, que não pode deixar de exigir uma avaliação global, e começando pela base da anarquia mundial que tem o Estado em perda de autoridade mas sem perda de indispensabilidade, permitimo-nos sugerir alguns pressupostos intocáveis para que a Universidade possa dar a contribuição indispensável para a reorganização das interdependências globais, sem as confundir com a mundialização da cultura, nem com a validade das especificidades culturais.

Em primeiro lugar a natureza institucional da Universidade, que exige liberdade e sustentabilidade, duas facetas por vezes em conflito por circunstâncias do ambiente, onde o dominante é o fator político; na rede pública, apoiar a sustentabilidade nas *receitas próprias* traduz-se em comercializar o ensino abusando da semântica, pelo simples método de tratar como *preço* as propinas que são *taxas* e portanto da área tributária do Estado; nos Estados da área da pobreza, em que apenas a rede pública pode agir com eficácia, a rede universitária é parcela da soberania, esta com a definição variável de cada época, e apenas nos

---

<sup>4</sup> NOVAES, Adauto (Org.) – Ética. S. Paulo: Companhia das Letras, 2007. GUILLÉN, Diego Gracia – *Lá cuestion del valor*. Madrid: Real Academia de Ciências Morales y Políticas, 2011. RENAUD, Michel; MARCELO, Gonçalo (Coord.) – Ética, Crise e Sociedade, Lisboa: Humus, 2012. OSPINA, William – *Es tarde para el hombre*. Barcelona: BELACQVA, 1994.

países ricos, com raras exceções para os pobres, a rede privada, à qual não é autorizado o desvio dos padrões gerais de qualidade, podem consentir-se regras moderadas de mercado; sem poder desconhecer as especificidades, que o globalismo tem visto fortalecer com a liberdade das culturas, antes submetidas ao colonialismo.

A exigência é que os países considerem a pluralidade da rede nacional, pública, privada e cooperativa, religiosa, militar, com *exigência igual de qualidade*; finalmente, atender à mudança da ordem mundial, à consequente alteração do valor das fronteiras, à exigência de articular a *identidade* com o *globalismo*, e à intransigente defesa da liberdade institucional da universidade.

Tudo pode sintetizar-se na questão da *sustentabilidade* das Universidades, o que envolve sem dúvida o financiamento, mas coloca em primeira evidência a investigação, o ensino, o saber e o saber fazer, com total respeito pela ética.

Recentemente, o já famoso *Glion Colloquia* enriqueceu a temática com a discussão deste tema: *Global Sustainability and the Responsibilities of Universities*,<sup>5</sup> uma iniciativa de Luc Weber (Un. de Geneva) e de Werner Hirsch (Un. of California), que é ativa cada dois anos.<sup>6</sup>

Trata-se seguramente de uma das mais integradoras versões dos desafios da mudança da conjuntura, na qual a debilitação do conteúdo da soberania para a maioria dos Estados, conduz à integração regional de esforços, da qual a União Europeia é sempre apresentada como o exemplo de referência de múltiplos ensaios em curso.

---

<sup>5</sup> WEBER, Luc E.; DUDERSTADT, James J. (Eds.) – *Global Sustainability and the Responsibilities of Universities*. Paris: Economia, 2012.

<sup>6</sup> Devem-se-lhe estes títulos: *The Glion Declaration I, The University at the Millennium* (1998); *The Glion Declaration II: Universities and the Innovative Spirit* (2009); *Challenges Facing Higher Education at the Millennium* (1999); *Governance in Higher Education: the University in a State of Flux* (2001); *As the Walls of Academic are tumbling down* (2002); *Reinventing the research University* (2004); *University and Business: partnering for the Knowledge Economy* (2006); *The globalization of Higher Education* (2008); *University Research for Innovation* (2010); *Global Sustainability and the responsibilities of University* (2012).



Embora fossem importantes iniciativas como o Erasmus, o Tratado de Maastricht (7 de fevereiro de 1992) não deu competências à União neste domínio do ensino superior, até que a Declaração de Bolonha (1998), rapidamente chamada Tratado, que não é, iniciou um processo que deverá ser aproximado do conceito de *REDE* com que o jovem Manuel Castells contribuiu para o processo de racionalização do *globalismo* sem cobertura normativa.<sup>7</sup>

Esta visão global não pode ignorar que a *REDE* tem tonalidades que se articulam, seguramente espaços que a Rede ainda não teceu, o que se reconduz à necessidade de não ignorar que o *globalismo* não absorve as *singularidades*.

É neste ponto de vista que cabe a importância crescente de *rede universitária*, ou mais compreensivelmente da *rede do ensino superior*, que diz respeito ao espaço marcado pela língua portuguesa, e por instituições como a CPLP, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa, o Instituto Internacional da Língua Portuguesa.

Não se trata de uma realidade incompatível com a European Universities Association (EUA), ou da European Students Union (SEU), que servem a liberdade universitária em face do Conselho Europeu. O mesmo se passa com o European Research Council que segue o modelo do U. S. National Science Foundation, ainda com relevo para a League of European Research Universities (LERU), que reúne 21 das mais importantes instituições.

Os sinais anunciam que as *regionalizações* vão multiplicar-se, não apenas nas áreas globais da segurança e defesa que a ONU reformada se espera que superentenda, mas nas áreas do saber, do saber fazer, e da sabedoria, reconhecendo que as fronteiras geográficas tendem para apontamentos administrativos, que os meios de comunicação tendem para globalizar a cultura, que o mercado implantou raízes globais a

---

<sup>7</sup> CASTELLS, Manuel – *Fin de Millénaire : L'ère de l'information*. Paris: Fayard, 1999. CASTELLS, Manuel – *Le Pouvoir de l'identité*. Paris: Fayard, 1997. CASTELLS, Manuel – *La Société en réseaux*. Paris: Fayard, 1998.

exigir regulação, que a terra é a casa comum de todos os homens, mas também que à medida que a unidade global cresce, as especificidades acentuam-se dando relevo à visão de Chardin.

E por isso a *Rede* do ensino superior e da investigação, que se desenvolve num espaço identificado pela língua portuguesa, contribui para a reorganização do globalismo sem governança em que nos encontramos, em todas as modalidades dessa complexa *REDE*. Provavelmente devemos reconhecer que já perdemos tempo, mas assumir que o devemos recuperar. E para isso necessitamos dimensão, sustentabilidade, independência, valores, e vontade de aceitar e reformular o património secular que é nosso. Estaremos à altura da nossa quarta dimensão, em regime de *protetorado* quando a política de novo-riquismo nos conduziu à situação atual?

Todavia, se houve setores em que a contribuição para a consolidação da unidade europeia se desenvolveu, foi na rede do ensino e da investigação, pilares da *soberania* e não elementos de um mercado de sedes de comando anónimos. A exigência semântica chama *recursos próprios* às *propinas*, mas de facto são taxas da área fiscal. Se isto não for entendido pelo neoliberalismo, de propagação americana, que atinge a Europa em decadência, acompanhando o Ocidente em declínio, o movimento que já nos atinge crescerá de gravidade.

Vista a situação de protetorado que atingimos, não evito terminar com as palavras que o Padre António Vieira utilizou no sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma, pregado no ano de 1669: “Ministros da República, da Justiça, da Guerra, do Estado, do Mar, da Terra. Vedes as obrigações que se descarregam sobre vosso cuidado, vedes o peso, que carrega sobre vossas convivências, vedes as desatenções do governo, vedes as injustiças, vedes os sonhos, vedes os descaminhos, vedes os enredos, vedes as dilações, vedes os subornos, vedes os respeitos, vedes as potências dos grandes, e as vexações dos pequenos, vedes as lágrimas dos povos, os clamores e gemidos de todos? Ou os vedes ou não os vedes. Se os vedes como não os remediais? E se não os remediais, como os vedes? Estais cegos.” A Universidade não pode deixar de responder,

com a definição de uma quarta missão, para além do investigar, ensinar, coordenar, que é a de encontrar, saber e caminhar para enfrentar a situação antes ignorada de globalismo sem definição de valores e de futuro para as novas gerações.

### Referências bibliográficas

- BARTHE, Yannick – *Le pouvoir d'indécision. La mise en politique des déchets nucléaires*. Paris: Economise, 2006.
- CAMDESSUS, M.; LAMFALUSSY, Alexandre; PADOA-SCHIOPPA, Tommaso – *La réforme du système monétaire international: une approche coopérative pour le vingt et unième siècle*. Paris: Initiatives du Palais Royal, 2001.
- CASTELLS, Manuel – *Fin de Millénaire : L'ère de l'information*. Paris: Fayard, 1999.
- CASTELLS, Manuel – *La Société en réseaux*. Paris: Fayard, 1998.
- CASTELLS, Manuel – *Le Poussoir de l'identité*. Paris: Fayard, 1997.
- CHASTELAND, Jean-Claude; CHESNAIS, Jean-Claude (Dir.) – *La population du monde, enjeux et problèmes*. Paris: INEDI/PUF, 1997.
- COLLIER, Paul – *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can Be Done About It*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GUILLÉN, Diego Garcia – *Lá cuestión del valor*. Madrid: Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, 2011.
- HASSNER, Pierre – *Le Nouvel état du monde : 80 idées forces pour entrer dans le 21 Siècle*. Paris: La Découverte, 1999.
- HUNTINGTON, Samuel P. – *Le choc des civilisations*. Paris: Odile Jacob, 1997.
- LEPAGE, Corinne – *La vérité sur le nucléaire*. Paris: Albin Michel, 2011.
- NOVAES, Adauto (Org.) – *Ética*. S. Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- OSPINA, Wiliam – *Es tarde para el hombre*. Barcelona: BELACQVA, 1994.
- RENAUD, Michel; MARCELO, Gonçalo (Coord.) – *Ética, Crise e Sociedade*. Lisboa: Humus, 2012.
- SAINTE ROSE, Jerry – «L'enfant à naître: un objet destructible sans destinée humaine?». In *ICPG*, N.º 52, 2004.
- SCHUTTER, Oliver de – «L'aide au suicide devant la Cour européenne des droits de l'Homme». In *Revue trimestrielle des droits de l'homme*. N.º 53, 2003, p. 71.
- WEBER, Luc E.; DUDERSTADT, James J. (Eds.) – *Global Sustainability and the Responsibilities of Universities*. Paris: Economia, 2012.
- ZAKARIA, Fareed – *L'avenir de la liberté : La démocratie illibérale aux Etats-Unis et dans le Monde*. Paris: Odile Jacob, 2003.